

A PRIMEIRA TRADUÇÃO DE *XICOTÉNCATL* AO PORTUGUÊS BRASILEIRO (1826-2020): TRADUZIR PARA RESISTIR

THE FIRST TRANSLATION OF XICOTÉNCATL TO THE BRAZILIAN PORTUGUESE LANGUAGE (1826-2020): TRANSLATING TO RESIST



Phelipe de Lima CERDEIRA
Professor adjunto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
lattes.cnpq.br/5328133725563043
orcid.org/0000-0002-9097-8250
phelipecerdeira@gmail.com

Leila Shaí DEL POZO GONZÁLEZ
Doutoranda
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Centro de Educação Comunicação e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Sociedade
Cascavel, Paraná, Brasil
lattes.cnpq.br/8934052893186174
orcid.org/0000-0002-2654-0414
leiladpg@gmail.com

Gilmei Francisco FLECK
Professor associado
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Centro de Educação Comunicação e Artes
Cascavel, Paraná, Brasil
lattes.cnpq.br/1060297750923928
orcid.org/0000-0002-4228-2566
chicofleck@gmail.com

1

Resumo: Apresentamos, neste artigo, reflexões sobre o posicionamento que assume o tradutor com base nos estudos de Álvarez e Vidal (1996), em confluência com Tymoczko (1999, 2013). Acreditamos que a compreensão dessa questão permite elucidar o compromisso que o tradutor militante assina como forma de ação política por meio de sua ação tradutória. Para tanto, elegemos a edição de Castro Leal do romance *Xicoténcatl* (1826), publicada em 1964, com o intuito de verificar como tem ocorrido a abordagem a esse primeiro romance histórico latino-americano em suas traduções. Ganhará destaque o cotejo de excertos selecionados da versão ao inglês, traduzida por Castillo-Feliú, em 1999, e da primeira tradução ao português, elaborada por Fleck e publicada em 2020. Assim, este estudo também conta com o aporte teórico dos estudos advindos da Literatura Comparada de Pastor (1983), Paz (1981, 1994), Santiago (2000), Bellei (2000), Fernández Prieto (2003), Grillo (2004), Fleck (2017), entre outros. Como resultados, pretendemos evidenciar a relevância do posicionamento do tradutor literário latino-americano crítico no século XXI, sublinhando as nuances na eleição que faz o tradutor na sua prática. Consideramos que essa abordagem permitirá ressaltar uma reflexão sobre a necessidade de se ter um posicionamento definido ao longo das ações tradutórias.

Palavras-chave: *Xicoténcatl* (1826). Tradução Literária como Resistência. Literatura Comparada. Literatura Hispano-americana.

Abstract: The article contributes bringing considerations on the translator's positioning based on studies by Álvarez and Vidal (1996), in confluence with Tymoczko (1999, 2013). Understanding this issue will allow us to elucidate the commitment that a militant translator signs as a way of political action throughout his/her translating act. To this end, we choose Castro Leal's edition of the novel *Xicoténcatl* (1826), published in 1964, to briefly verify how the approach to the first historical Latin American novel has been taking place in its translations. For this purpose, we highlight the selection of excerpts from the English version translated by Castillo-Feliú (1999) and from the first translation to Brazilian Portuguese, by Fleck, recently published in 2020. Thus, this study also counts with the theoretical contribution of Pastor (1983), Paz (1981, 1994), Santiago (2000), Bellei (2000), Fernández Prieto (2003), Grillo (2004), Fleck (2017), among others. As a result, we highlight nuances in the choosing the translator makes in his/her practice. We consider that this approach will allow us to think about the necessity of having a defined positioning throughout the translator's actions.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Keywords: *Xicoténcatl* (1826). *Translation of Literature as Resistance. Comparative Literature. Hispanic-American Literature.*

Desde os acontecimentos históricos que marcaram o ano de 1492 na América, observa-se que a escrita sobre essas terras e suas gentes, inicialmente, foi assumida pelos europeus. Pastor (1983) e Fernández Prieto (2003) comentam que o discurso utilizado nesses registros pelos conquistadores assentou uma narrativa consoante com o que era mais conveniente para o projeto de conquista e para os interesses políticos pessoais do escrevente, de modo que os cronistas não plasmaram aquilo que poderia lhes trazer desprestígio. São, contudo, esses primeiros registros da imagem dos americanos que se tornaram comuns no imaginário europeu dos séculos que se seguiram.

Tais narrativas foram elaboradas, de maneira geral, a partir daquilo que Walter Mignolo (2003, p. 22) apregoa enquanto línguas coloniais, constructos linguísticos responsáveis por consagrar determinado projeto moderno circunscrito a um determinado campo de poder, escamoteando, ao mesmo tempo, todas as manifestações linguísticas que não pudessem atender à determinado imaginário de um pretenso conhecimento. Entre os meandros da linguagem — e os seus potenciais silenciamentos — refletia-se, assim, determinada realidade política histórica, cultural e religiosa do Velho Mundo. Nesse sentido, ocorreu a implantação da álgebra unitária do conquistador: “um só Deus, um só Rei, uma só Língua” (Santiago, 2000, p. 14). Como pode ser inferido, passou a ser considerado um horizonte estanque: era válida uma única e verdadeira religião, devia-se obedecer a um único governante (do outro lado do Atlântico), apenas uma língua foi valorizada (a europeia imposta) como legítima.

Paz, no seu discurso *La búsqueda del presente* (1990/1994), ao aludir ao caso das literaturas latino-americanas, reverbera o fato de tais manifestações nascerem *por e a partir* de línguas transplantadas, que, pelo embate entre a cultura imposta e as ricas tradições culturais nativas, acabaram atravessando um processo nada passivo e aceleraram a sua formação: “. . . [c]edo deixaram de serem simples reflexos transatlânticos; por vezes foram a negação das literaturas europeias e outras, com mais frequência, a sua réplica.”¹ (Paz, 1994, p. 432). Houve, portanto, muitos elementos que ajudaram a formar a nossa literatura.

Entre copiar e inovar ao negar, surgiu uma nova expressão. Esse processo não foi passivo, pois se constituíram fronteiras², como definido por Bellei (2000), espaços caracterizados por abrigar a luta de poderes. Assim, escritores latino-americanos estabeleceram pontos de encontro e confronto cultural no intuito de resistir e reduzir o desequilíbrio de poder.

CERDEIRA, Phelipe de Lima; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí; FLECK; Gilmei Francisco. A Primeira Tradução de *Xicoténcatl* ao Português Brasileiro (1826-2020): Traduzir para Resistir. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-19, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n4.2021.36130

É indubitável, portanto, a presença da *angústia da influência* nos autores das primeiras obras latino-americanas, por serem um produto da imposição do signo estrangeiro, ecoarem o que Pierre Bourdieu (2002) intitula como campo intelectual. Santiago (2000, p. 21), a esse respeito, comenta: “. . . a fonte se torna a estrela intangível e pura que, sem deixar-se contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina, quando estes dependem de sua luz para seu trabalho de expressão.”

O pensamento de Santiago explica como, de alguma forma, a sensação de nunca poder chegar a atingir o valor dado à expressão literária europeia se constitui na chamada *angústia da influência* vivida pelo escritor latino-americano. Por outro lado, Paz entende que, no entanto, . . . nós, com nossas obras, a replantamos [a língua europeia] no solo americano. A língua nos une a outra literatura e a outra história, a terra em que vivemos pede ser nomeada e assim as palavras desterradas são enterradas neste solo e deitam suas raízes. O desterro se converteu em transplante.³ (Paz, 1976/1981, p. 28)

Paz (1976/1981) entende que, mesmo sendo usuários de segunda classe da língua imposta, essa língua nova foi cultivada de forma especial na América Latina pelos escritores. Assim, o escritor latino-americano empregou bem o signo do conquistador, mas não manteve o seu material intacto, pois, também, o alimentou com sua bagagem cultural e desenvolveu, ao longo do processo, uma literatura com características próprias. Verificamos esse resultado já nos séculos XVI e XVII, com dois representantes dessa característica presente nas obras nascidas desse lado do mundo, o mestiço Inca Garcilaso de la Vega⁴ (1539–1615) e a *criolla*⁵ Sór Juana Inés de la Cruz⁶ (1651–1695). As obras desses representantes são a expressão da escrita latino-americana que, sob diferentes matizes, exemplificam a superação do *brilho da estrela*. Isso se dá ao se propor textos nascidos da conjunção da nossa cultura e história, porém, escritas com o signo do conquistador. Contudo, o teor desses escritos do século XVI e XVII ainda não são questionadores do contexto em que foram escritos.

Somente na primeira década do século XIX tem-se expoentes de uma escrita crítica diferenciada. Fato que se consolida em duas publicações: a do primeiro romance latino-americano *El Periquillo Sarniento* (Fernández de Lizardi, 1816) e a do primeiro romance histórico latino-americano *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826), devido a que ambos os romances oitocentistas têm como característica apresentar, de forma evidente, na escrita romanesca latino-americana, um discurso contestatário. Enquanto que o primeiro é abertamente contra o *status quo* da colônia espanhola, o segundo, ainda, dirige suas críticas contra os registros

CERDEIRA, Phelipe de Lima; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí; FLECK; Gilmei Francisco. A Primeira Tradução de *Xicoténcatl* ao Português Brasileiro (1826-2020): Traduzir para Resistir. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-19, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n4.2021.36130

históricos da história oficial sobre os eventos da *conquista de México*, no século XVI, por Hernán Cortés.

A temática do romance *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826), obra cujas traduções comparamos neste artigo, está centrada no episódio da chegada do conquistador espanhol Hernán Cortés e seus soldados às terras de Tlaxcala⁷, momento em que o capitão espanhol pede passagem pelas terras tlaxcaltecas para se dirigir à capital do império, Tenochtitlán, e dominá-la. A narrativa registra como aconteceram as alianças de Cortés com os diferentes povos nativos da região e, também, os enfrentamentos com os resistentes. Ao mesmo tempo, expõe-se a corrupção tanto de espanhóis quanto de colaboradores nativos, permitindo que o plano do invasor ganhe forças e que sejam benéficos os resultados para o empreendimento espanhol.

Nessas circunstâncias, a personagem de extração histórica Xicoténcatl, o jovem tlaxcalteca, não é configurada como traidor no romance, ao contrário de como a historiografia tradicional o apresentou por muito tempo. Na ficção, esse jovem tlaxcalteca é representado como o herói nativo exatamente por se opor aos planos de Cortés. Assim, a personagem principal da narrativa apresenta uma visão clara do que significaria para o seu povo fazer uma aliança com os invasores. Desse modo, ele se torna o precursor dos sentimentos de nacionalidade mexicana (cf. Castro Leal, 1964). Ao longo da diegese, o jovem líder nativo é morto por ordens de Cortés e se torna o mártir glorioso da invasão aos povos autóctones do México.

A escrita de *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826)⁸ além de ser crítica no seu discurso também apresenta rupturas com os paradigmas canônicos de se escrever romances históricos clássicos scottianos. Além de utilizar personagens históricas do nosso passado, apresenta as personagens nativas sob configurações de heróis clássicos e a personagem heroica da Contrarreforma espanhola, da história oficial tradicional, Hernán Cortés, é rebaixada ao papel de vilão, corrupto e mesquinho. Além disso, como comenta Castro Leal (1964) sobre a narrativa,

. . . os julgamentos que contém sobre a Espanha e os conquistadores espanhóis são injuriosos e totalmente hostis. Devido à atitude assumida pelo autor ao julgar a campanha impiedosa e traiçoeira contra os nativos, não há dúvida de que o romance foi escrito por um hispano-americano.⁹ (Castro Leal, 1964, pp. 75–76)

Concordamos com o apontado por Castro Leal. De acordo com Fleck (2020), o esquema dicotômico que tornara a configuração literária dos conquistadores como os bravos

desbravadores e salvadores dos povos nativos, contrastada com a figuração dos nativos americanos como bárbaros, selvagens que precisam ser salvos pela fé cristã, é invertida no esquema apresentado pelo romance anônimo. Esse ponto transforma *Xicoténcatl* (1826) na obra gênese do enfrentamento latino-americano com a tradição historiográfica hegemônica e literária canônica ao desconstruir o discurso exaltador e mitificador do colonizador.

O teor crítico presente no relato faz da obra *Xicoténcatl* (1826) um romance de relevância para o conhecimento do público leitor brasileiro, uma vez que demonstra como, no contexto da América Latina, foi escrita, já na segunda década do século XIX, uma narrativa crítica, com traços desconstrucionistas com relação aos parâmetros europeus aqui enraizados, um texto de resistência diante da colonização, publicado durante o contexto de lutas pela independência dos territórios do hoje chamado México.

A seguir, fazemos uso de trechos do original, editado por Castro Leal (1964), da tradução ao inglês, realizada por Castillo-Feliú¹⁰ (1999), e da primeira versão ao português, efetuada por Fleck¹¹ (2020), para, a partir deles, compararmos alguns aspectos relevantes da ação tradutória.

5

***Xicoténcatl* (1826) e seus Reflexos nas Traduções de 1999 e 2020: Comparações**

Antes de iniciarmos a comparação proposta, devemos levar em conta que a narrativa de *Xicoténcatl* da edição de 1964 — usada para efetuar a tradução ao português — já apresenta uma modernização na ortografia e na pontuação com respeito ao original de 1826, como afirma o editor, Castro Leal (1964). Já Castillo-Feliú (1999) — o tradutor do texto à língua inglesa —, declara¹² a sua preocupação em atualizar a linguagem do texto, com o intuito de permitir uma leitura mais fluída para o leitor contemporâneo. Ainda, Castillo-Feliú pondera¹³ sobre a dificuldade de se traduzir da língua castelhana para o inglês, além do salto cronológico com o qual precisou lidar.

Fleck (2020), por outro lado, enfatiza o desejo de levar ao público leitor da língua portuguesa não somente a trama romanesca, mas, sobretudo, apresentar: “algumas visões críticas da obra, sua relevância e relação com a produção brasileira [por ser considerada como] uma via de descolonização, que nos move a um melhor (re)conhecimento da história da Literatura Latino-americana” (Fleck, 2020, p. 14). Dentre as duas traduções analisadas, apenas na versão¹⁴ de Fleck (2020) é oferecido ao leitor um estudo introdutório que contempla uma análise da diegese do romance, a configuração das personagens e um estudo comparado entre a literatura mexicana e a brasileira — concernente à figuração dos nativos no romantismo —,

CERDEIRA, Phelipe de Lima; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí; FLECK; Gilmei Francisco. A Primeira Tradução de *Xicoténcatl* ao Português Brasileiro (1826-2020): Traduzir para Resistir. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-19, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n4.2021.36130

além de uma discussão sobre a importância da tradução na América Latina, de modo a levar a efeito os estudos críticos sobre a obra.

A esse respeito, verificamos que tanto Castillo-Feliú (1999) quanto Fleck (2020) demonstram preocupação com respeito à abordagem que terá o seu labor tradutório. O que diferencia, em um primeiro momento, ambas as ações tradutórias é o uso de notas explicativas que Fleck (2020) emprega de modo a tornar mais acessível o entendimento ou as implicações de alguns itens culturais e temporais específicos, ao comentar e ressaltar visões críticas do discurso romanesco ou acrescentar informações quando necessárias ao entendimento do leitor contemporâneo etc. A conduta crítica tradutória parece-nos enriquecer a tradução, permitindo que o leitor compreenda as nuances destacadas ao longo da leitura/prática tradutória de Fleck.

Igualmente, Fleck (2020)¹⁵ declara que a sua tradução se deu no âmbito da pesquisa acadêmico-científica, ao envolver a leitura de várias edições da obra, da tradução de Castillo-Feliú (1999), da efetivação de um trabalho de conclusão de curso por um acadêmico de Letras e uma dissertação de mestrado defendida no âmbito da Literatura Comparada, por outra acadêmica da área de Letras.

6 Com respeito à obra, devido a que *Xicoténcatl* (1826) assume o formato de crônica nunca antes contada, ela está dividida não em capítulos, mas em livros, totalizando seis deles. Para sublinhar o teor crítico da narrativa, escolhemos trabalhar, em virtude da extensão deste artigo, com apenas cinco fragmentos, do livro primeiro, escolhidos do original, na sua edição de 1964, e seus respectivos trechos nas traduções de Castillo-Feliú (1999) e Fleck (2020).

Dessa forma, buscamos evidenciar as possíveis aproximações, distanciamentos e acréscimos realizados na construção narrativa em *Xicoténcatl* (1826) e nas suas versões para o inglês e para o português. Para a exposição dos trechos na versão original, tomamos como fonte a edição de Castro Leal, publicada em 1964. Utilizamos, quando possível, as siglas TF (texto fonte) para a edição de 1964, TTi (texto traduzido para o inglês) para a tradução de Castillo-Feliú (1999) e TTp (texto traduzido para o português) para referenciar a tradução de Fleck (2020).

Neste artigo, temos interesse em verificar qual o lugar de enunciação dos dois tradutores de *Xicoténcatl* (1826). Para tanto, iniciamos a comparação proposta, apontando, em quadros comparativos, os recortes escolhidos e pretendemos revelar qual a leitura que ambos tradutores fizeram da narrativa.

Arrojo (2007) discute sobre como o trabalho do tradutor inicia-se já na leitura da obra a ser traduzida, pois o ato de ler já se constitui numa reescrita do texto *original* e, o tradutor,

CERDEIRA, Phelipe de Lima; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí; FLECK; Gilmei Francisco. A Primeira Tradução de *Xicoténcatl* ao Português Brasileiro (1826-2020): Traduzir para Resistir. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-19, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n4.2021.36130

como ser social — com vivências e contexto diferente do autor —, não conseguirá chegar a pensar, a sentir ou a ser o autor desse texto para produzir a utópica *equivalência completa* num processo tradutório. Não podemos nos esquecer das relações de poder implícitas e das transferências interculturais nada inocentes nesse processo tradutório, como Bassnett e Trivedi (1999) afirmam. Nesse sentido, tal qual enunciado por Álvarez e Vidal (1996), traduzir é dar uma continuação ao texto fonte no texto traduzido; somente assim se possibilita a sobrevivência do texto fonte, já renovado no processo tradutório, com uma vida nova disponível para os novos leitores de outra língua.

A seguir, destaca-se o primeiro excerto selecionado, nº 1, apresentado no Quadro 1. O recorte faz parte da introdução da narrativa. Nele, observamos que o autor anônimo discrimina o uso das palavras de modo a designar a cultura indígena e seus membros, em contraste com Cortés e seus homens:

Quadro 1 - Trecho 1

Castro Leal (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Fleck (2020)
<i>Estaba escrita en el libro fatal del destino la caída del grande imperio Moctezuma, bajo cuyas ruinas debían sepultarse la república de Tlaxcala y otros gobiernos de una hermosa parte de la América.</i> (p. 79)	<i>The fall of the great <u>empire</u> of <u>Moctezuma</u> was written in the fateful book of destiny. The Republic of Tlaxcala and other governments of a <u>beautiful</u> part of America would be buried under its ruins.</i> (p. 7)	Estava escrito no fatídico livro do destino a queda do grande <u>Império</u> de <u>Moctezuma</u> e, sob suas ruínas, juntamente com ele, seriam sepultadas a república de Tlaxcala e outros governos de uma <u>esplêndida</u> parte da América. (p. 99)

Fonte: elaborado pelos autores com base nas diferentes versões de *Xicoténcatl* (1826/1964, 1999, 2020).

Verificamos, no trecho destacado no Quadro 1, que, enquanto que no TF é utilizada a palavra *império*, no TTi é usado *empire* e no TTp lê-se *Império*. Trata-se de uma questão muito simples, porém, a utilização do *i* maiúsculo, no vocábulo em português, tem muito a dizer: o tradutor enfatiza e dá importância ao signo, pois se trata do *Império Asteca*.

O segundo vocábulo escolhido no texto original é *hermosa*. Na versão do TTi, observa-se o emprego do vocábulo *beautiful* e na do TTp se verifica: *esplêndida*. De acordo com o Dicionário *on-line* da *Real Academia Española*, (DRAE, s.d.): “Del lat. formōsus. 1. adj. Dotado de hermosura; 2. adj. Grandioso, excelente y perfecto en su línea; 3. adj. Despejado, apacible y sereno . . . ; 4. adj. Grande y proporcionado . . . ; 5. adj. coloq. Dicho de un niño: Robusto, saludable.”. Já no dicionário *Merriam-Webster on-line* (s.d., maiúsculas da fonte): “1: having qualities of beauty: exciting aesthetic pleasure; 2: generally pleasing:

EXCELLENT”. Por outro lado, no *Aulete on-line* (s.d., maiúsculas da fonte): “1. Que é ou está cheio de esplendor; BRILHANTE; LUZENTE: . . . ; 2. Que deslumbra; MARAVILHOSO; DESLUMBRANTE: . . . ; 3. Que é grandioso, suntuoso . . . ; 4. Que é excelente, de alta qualidade . . . [F.: Do lat. splendíus.]”.

Enquanto no TTi prefere-se utilizar um termo que registra *beleza*, no TTp, corroboramos o termo que se aproxima dos vários sentidos na palavra *hermosa*, da língua castelhana, sem deixar de lado os significados atrelados ao campo semântico da grandiosidade e da excelência. Além disso, a ideia que terá o leitor da versão em português será, também, no sentido de maravilhoso, algo deslumbrante, que fica explicitado na frase: “esplêndida parte da América”.

Além do apontado, vale ressaltar que no TTp, para o trecho destacado, são adicionadas as notas de rodapé para os signos *Moctezuma* e *Tlaxcala* com explicações sobre esses nomes. Ademais, na nota de rodapé para *Tlaxcala*, oferece-se ao leitor uma explicação para o fragmento “Estava escrito no fatídico livro do destino a queda do grande Império de Moctezuma”, de modo a assegurar o entendimento do leitor sobre a relação desse enunciado com o mito do retorno de Quetzalcoatl.

8

Em seguida, temos o fragmento selecionado, nº 2, no Quadro 2, que também faz parte da introdução:

Quadro 2 - Trecho 2

Castro Leal (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Fleck (2020)
<i>Ya habían visto los hombres irrupciones de bárbaros medio salvajes que, abandonando sus guaridas y su ingrato país, se apoderaron de climas más benéficos, destruyendo a sus antiguos habitantes . . . (p. 79)</i>	<i>Men had already seen invasions by half-savage barbarians who, abandoning their lairs and their thankless country, had taken possession of more beneficent climes, destroying their ancient inhabitants . . . (p. 7)</i>	<i>O mundo já tinha presenciado incursões de bárbaros semisselvagens que, abandonando seus covis e seu ingrato país, apossaram-se de regiões de climas mais benéficos, destruindo aqueles que aí habitavam desde a antiguidade. (p. 99)</i>

Fonte: elaborado pelos autores com base nas diferentes versões de *Xicoténcatl* (1826/1964, 1999, 2020).

O segundo trecho valoriza as considerações que tem o narrador com respeito aos europeus que chegaram às terras americanas no contexto da conquista do território, a partir dos seguintes vocábulos: *bárbaros medio salvajes*, que chegaram do *ingrato país* abandonando suas *guaridas* para se apoderar dessas terras esplêndidas e destruir os seus habitantes originais.

Tal como já foi mencionado, o narrador desconstrói, sem piedade, a configuração elevada que os europeus possuem em narrativas que reproduzem o discurso tradicional eurocêntrico. O segundo quadro deixa bem claro o posicionamento do narrador.

Enquanto isso, observamos que tanto o TF quanto o TTi utilizam formas equivalentes para a frase introdutória: “Ya habían visto los hombres irrupciones de, Men had already seen invasions by half-savage”, no entanto, para o TTp, escolhe-se “O mundo já tinha presenciado incursões de”. Assim, o tradutor do TTp escolhe “o mundo” e não “os homens”, sintagma nominal que igualmente deixa fluída a leitura da frase na língua portuguesa.

Um dado interessante, nesse sentido, chama nossa atenção: o uso de “os homens” pode ser achado no dicionário *Aulete on-line* (s.d.) sob o sentido de “[a]s pessoas em geral; a humanidade; o homem como espécie.” No entanto, do mesmo modo, pode ser lida a seguinte explicação para

Homem público: 1 Homem que se ocupa ou se envolve em atividades de interesse público (e não em negócios exclusivamente particulares), que tem cargo ou função de importância na política ou em instituições de outro tipo. [NOTA: A expressão reflete época em que mulheres raramente tinham projeção social desse tipo: a expressão mulher pública teria sentido pejorativo e se usava, inclusive, como designação de prostituta.]. (Aulete, s.d.)

No recorte, nosso comentário deseja relatar as cores com que esses trechos aparecem na página citada que evidencia as nuances presentes em *homem público*. Essa informação levamos a acreditar que, no dicionário consultado, há toda uma preocupação pelos trabalhos com respeito às controvérsias geradas com relação a questões de gênero. Portanto, de forma similar, verificamos na TTp uma leitura cuidadosa para o uso dos termos que possam ter uma carga sexista. Desse modo, a TTp prefere usar uma terminologia sem a marcação linguístico-histórico-cultural de gênero: *o mundo*. Essa escolha demonstra, também, uma atualização da linguagem para o leitor do século XXI.

O segundo vocábulo escolhido no TF é *guarida*. No TTi, lê-se *lairis*; e, no TTp, verifica-se *covis*. De acordo com o dicionário *on-line* da *Real Academia Española* (DRAE, s.d.): “1. f. Cueva o espesura donde se guarecen los animales; 2. f. Amparo o refugio para librarse de un daño o peligro; 3. f. Lugar adonde se concurre con frecuencia o en que regularmente se halla alguien . . . U. m. en sent. Peyor . . .”

Já no dicionário *on-line Merriam-Webster* (s.d., maiúsculas da fonte): “1 (dialectal British) a resting or sleeping place: BED. 2a: the resting or living place of a wild animal: DEN . . . ; b: a refuge or place for hiding: a villain's lair.”. Por outro lado, no *Aulete on-line* (s.d., maiúsculas da fonte): “1. Cova que serve de morada para feras; TOCA . . . ; 2. Fig. Refúgio de malfeitores, ladrões etc.; ANTRO; ESCONDERIJO . . . ; 3. Fig. Habitação miserável: CHOÇA; 4. Fig. Prostíbulo, bordel; . . .”

Verificamos que o termo escolhido *guaridas* possibilita no TF o sentido de lugar onde se refugiam os animais, um lugar de refúgio em geral, com sentido pejorativo. Já no TTi, *lairis*, apresenta-se a relação lugar para descansar/dormir de pessoa ou animal, refúgio ou lugar para se esconder. Por outro lado, no TTp, a eleição do signo *covis* traz consigo a noção de moradia de feras, de refúgio de malfeitores, de habitação miserável e, inclusive, de bordel. Entendemos que se trata de uma conotação bem negativa. Assim, Fleck (2020) escolhe um termo que contém, em si, os significados negativo-pejorativos, de modo que enfatiza, mais ainda, a questão de onde teriam vindo aqueles *bárbaros* saídos dos seus *antros*, *tocas*, *esconderijos*, *bordéis*.

10

Logo, temos o fragmento selecionado, nº 3, no Quadro 3, que também faz parte da introdução. Na seleção, o narrador introduz a ideia da situação do regimento de Cortés:

Quadro 3 - Trecho 3

Castro Leal (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Fleck (2020)
<i>El tercio a que cupo en suerte la conquista de México, capitaneado por Hernán Cortés, se hallaba en las fronteras de la república de Tlaxcala . . . (p. 79)</i>	<i>The regiment, whose lot it was to conquer Mexico, and which was captained by Hernán Cortés, was on the border of the Republic of Tlaxcala . . . (p. 7)</i>	O <i>regimento</i> que teve a <i>sorte</i> de conquistar o México, capitaneado por Hernán Cortés, encontrava-se nas fronteiras da <i>república</i> de Tlaxcala . . . (p. 100)

Fonte: elaborado pelos autores com base nas diferentes versões de *Xicoténcatl* (1826/1964, 1999, 2020).

O DRAE (s.d.) aponta, ao longo das entradas doze a quinze, as seguintes informações para *tercio*: “12. m. Mar. Cada uno de los antiguos batallones o cuerpos de tropas que guarnećían las galeras; 13. m. Mil. Cierta cuerpo o batallón de infantería en la milicia moderna; 14. m. Mil. Cada una de las divisiones del instituto de la Guardia Civil; 15. m. Mil. Regimiento de infantería española de los siglos XVI y XVII.”.

O *Merriam-Webster on-line* (s.d.) informa apenas duas entradas para *regiment*, como segue: “1: a military unit consisting usually of a number of battalions; 2: archaic: governmental

rule.” Por sua vez, o *Aulete on-line* (s.d.) apresenta na quarta entrada: “4. Mil. Unidade militar comandada por oficial superior.”

Ponderamos, então, que, no TTP, pela escolha do vocábulo *regimento* — com destaque no texto em itálico —, faz-se um esforço para adicionar, novamente, informações para o leitor, pois Fleck (2020) acrescenta, também nessa ocasião, uma nota de rodapé que inclui o termo do TF e adiciona a entrada número quinze do DRAE mencionado acima: “15. m. Mil. Regimiento de infantería española de los siglos XVI y XVII.”

Xicoténcatl (1826) é um romance histórico romântico e, como tal, tenta, ao máximo, valer-se da verossimilhança na sua composição. Sendo assim, o autor anônimo se preocupou em utilizar um texto da historiografia oficial; trata-se da obra do cronista da Contrarreforma espanhola — *Historia de la conquista de México*¹⁶ (1682) — de Antonio de Solís¹⁷. Essa é uma crônica encomendada oficialmente pela monarquia espanhola. O autor insere fragmentos da narrativa de Solís na tessitura do romance, pois, é na fidelidade textual que: “os juízos políticos e morais de Solís são rigorosamente contrapostos, assim como também as representações pouco desenvolvidas ou deduções psicológicas, que o texto apresenta em abundância”¹⁸ (Grillo, 2004, p. 108).

Portanto, o autor ao fazer uso de uma escrita crítica dos acontecimentos da chegada de Cortés aos territórios de Tlaxcala, deseja utilizar, a contrapelo, o mesmo discurso da história oficial, de forma a contar a sua narrativa a partir da perspectiva dos autóctones para deixar evidente, graças à literatura, uma crônica não registrada pelos nativos.

No seguinte excerto, nº 4, no Quadro 4, evidenciamos como é tratada a citação direta da obra de Solís (1682) nos três textos:

Quadro 4 - Trecho 4

Castro Leal (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Fleck (2020)
“ <i>Cierto es que ha corrido entre el vulgo una confusa tradición sobre la venida de unos reformadores orientales, cuya venida se perpetúa en el vaticinio y tarda en el desengaño</i> . . . (p. 82, a marca do discurso atribuído à fala da personagem é sinalizada apenas no início do parágrafo, a partir da abertura das aspas)	“ <i>It is certain that a confusing tradition has moved among the common people about the coming of some eastern reformers, whose coming perpetuates itself in prophesy and is delayed in disappointment</i> . . . (p. 12, a marca do discurso atribuído à fala da personagem é sinalizada apenas no início do parágrafo, a partir da abertura das aspas)	— . . . É certo que uma confusa tradição se propagou entre as pessoas comuns sobre a vinda de alguns reformadores que viriam do Leste, “ <i>cuya vinda se perpetua numa profecia e tarda em mostrar-se no ludibrio</i> .” (p. 106, grifos do autor)

Fonte: elaborado pelos autores com base nas diferentes versões de *Xicoténcatl* (1826/1964, 1999, 2020).

No Quadro 4, prefere-se reproduzir apenas parte dos excertos cotejados, não permitindo, por exemplo, que sejam visualizadas neste artigo as totalidades dos parágrafos nos quais TF, TTi e TTp apresentam o desenrolar das narrativas. Há de se frisar, pois, que tanto o TF, quanto o TTi e o TTp decidem utilizar cursivas para a citação direta, com nota de rodapé como recurso paratextual para declarar que se trata do texto de Solís. A grande diferença, no entanto, está no uso atípico das aspas para os casos de TF e TTi, já que em ambas as diegeses, ao buscarem uma marcação ortográfica para plasmar as vozes de cada personagem, há a escolha de abertura das aspas apenas no início dos parágrafos, sem a preocupação de finalizar o discurso direto por meio do mesmo sinal gráfico (pressuposto adotado pela norma padrão das línguas — o castelhano e o inglês, respectivamente).

Diferentemente dos casos anteriores, na TTp, ganha relevância a utilização do travessão para a mesma função — apresentar a voz da personagem de extração histórica —, além do uso de itálico entre aspas e de uma nota de rodapé para marcar a citação direta. Dessa forma, a tradução de Fleck (2020) parece deixar mais organizada e evidente a leitura do texto no momento em que a citação direta é realizada.

12

O seguinte recorte nº 5, no Quadro 5, faz parte do discurso do jovem Xicoténcatl, proferido no senado de Tlaxcala. Na sua voz, em discurso direto, expressa-se sua indignação ao ouvir que Magiscatzin, um dos mais antigos senadores, deseja receber a comitiva de Cortés de forma amigável.

Quadro 5 - Trecho 5

Castro Leal (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Fleck (2020)
<i>Se presentan como <u>satélites</u> de un gran tirano para el que buscan <u>de grado o por fuerza</u> nuevos vasallos... ¡Y para esto se nos presentan en prueba esos fenómenos, tan encarecidos por Magiscatzin, como otros tantos avisos del Cielo!</i> (p. 83)	<i>They present themselves as <u>followers of a great tyrant for whom they search for willing or unwilling vassals. And one hears the call for peace without being horrified and even scandalized!</u> And for this purpose we are presented as <u>proof these phenomena, so recommended by Magiscatzin, along with so many other warnings from Heaven!</u></i> (p. 13)	Eles se apresentam como <u>discípulos</u> de um grande tirano para o qual procuram por vassalos <u>dispostos ou relutantes...</u> E ouve-se o seu <u>apelo à paz sem que qualquer um se horrorize ou mesmo se escandalize!</u> ... E para esse propósito nos são apresentados como prova esses fenômenos, <u>tão recomendado por Magiscatzin, juntamente com tantos outros avisos do Céu!</u> (p. 107)

Fonte: elaborado pelos autores com base nas diferentes versões de *Xicoténcatl* (1826/1964, 1999, 2020).

Prestemos atenção, agora, aos termos do TF, *satélites*, do TTi, *followers*, e do TTp, *discípulo*. De acordo com o DRAE *on-line* (s.d.), *satélites*: “Del lat. satelles, -itis . . .; 3. m. Persona o cosa que depende de otra y está sometida a su influencia. U. t. en apos; . . . 5. m. Oficial menor de justicia . . .”. No dicionário *Merriam-Webster on-line* (s.d., maiúsculas da fonte), *followers*: “1a: one in the service of another: RETAINER; b: one that follows the opinions or teachings of another; c: one that imitates another . . . 6: FAN, DEVOTEE.”

No *Aulete on-line* (s.d., maiúsculas da fonte), verificamos para *discípulo*: “1. Indivíduo que recebe ensinamentos ou segue as ideias de um mestre; 2. Aquele que aprende, que estuda (qualquer disciplina): ALUNO; 3. Rel. Segundo os Evangelhos, cada um dos seguidores próximos de Jesus, a quem transmitiu seus ensinamentos: APRENDIZ, ALUNO; 4. Seguidor e continuador do trabalho de alguém; EPÍGONO: discípulos de Kant; 5. Seguidor de um ideal, de uma filosofia, de uma virtude: discípulos da fé. [F.: Do lat. discipulus.]”

Desse modo, o termo utilizado pelo TF apresenta o sentido de oficial menor de justiça, de representante de uma autoridade, que serve alguém, entanto que o termo do TTi apresenta o sentido de servidor de alguém, de discípulo e de seguidor. Para o TTp, é evidente a presença dos sentidos: aluno, seguidor, continuador de ensinamentos, discípulo da fé. Assim, verificamos que os termos do TTi e do TTp são próximos no sentido, mas que lhe faltam o sentido de *representante de uma autoridade*.

Na seguinte seção, atentamos discutir sobre as traduções analisadas e o posicionamento do tradutor.

Considerações Finais

No que diz respeito ao romance *Xicoténcatl* (1826), trata-se não somente do primeiro relato romanesco latino-americano escrito no contexto das lutas pela independência das colônias americanas do Império Espanhol no século XIX, mas, também, de um texto que expressa a voz silenciada dos colonizados por meio de seu discurso anticolonial.

Xicoténcatl (1826) exhibe o que Tymoczko (1999, p. 35) chama de *realinhamento das estruturas do poder*. Isso se dá pelo modo do discurso ficcional apropriar-se e modificar o modelo de escrita de romance histórico instituído por Walter Scott, considerado o inaugurador dessa escrita híbrida consciente entre história e ficção. Assim, verificamos que *Xicoténcatl* (1826) é uma obra altamente crítica, importante para a história da literatura hispano-americana e como modelo fundador do romance histórico em nosso contexto numa produção que demonstra o enfrentamento da literatura latino-americana com o cânone europeu, na condição

de embrião do novo romance histórico hispano-americano. Portanto, a tradução da obra constitui-se em chave para o entendimento da trajetória da literatura latino-americana para a maioria dos brasileiros.

Com respeito aos tradutores e sua escolha de traduzir a obra anônima de 1826, verificamos que tanto Castillo-Feliú quanto Fleck são docentes que elegeram traduzir *Xicoténcatl* dentro do âmbito da pesquisa universitária. Tymoczko (1999, p. 31) observa que “[d]entro do âmbito dos estudos de tradução, os pesquisadores estão cada vez mais atentos às circunstâncias sob as quais os livros são escolhidos para tradução e quais traduções são publicadas . . .”¹⁹. Conferimos, dessa forma, e pelas datas de tradução das obras, (1826/1999, 2020), que o âmbito de pesquisa universitária facilitou, de forma específica, a tradução das duas versões para a língua inglesa e portuguesa, fato que demonstra que, ainda hoje, existem os problemas de *mecenato*/patrocínio, comuns na história da tradução.

No caso da tradução de Fleck (2020), é necessário enfatizar que, por ser o Brasil uma nação alocada no sul do continente americano, rodeado de países vizinhos, na maioria de fala castelhana, porém, até 2020, não se tinha uma tradução conhecida no país. Del Pozo González (2020), em palestra, discorre sobre como, no Brasil, a tradução de literatura estrangeira foi amplamente promovida, porém, não aconteceu o mesmo com obras como *Xicoténcatl* (1826), talvez pelo teor discursivo que não era conveniente para a corte portuguesa instalada nos territórios coloniais à época da publicação do romance.

Martins (2011) comenta sobre o papel-chave das traduções nos sistemas literários em formação, como é o caso do brasileiro. Wyler (2003) e Martins (2011) mencionam que a publicação de *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo, aportou ao sistema literário brasileiro elementos estruturais até então inexistentes na prosa literária brasileira. Uma tradução de *El Periquillo Sarniento* (1816) ainda na década de 1810, e outra de *Xicoténcatl* (1826), feita na década de 1820, teria, talvez, mudado a história da escrita romanesca no Brasil (Cf. Del Pozo González, 2020).

Em cada uma das traduções avaliadas e sob diferentes matizes, parece claro que o processo de negociação lexical vai muito além da evidente construção de sentidos. No caso específico do TTP, recentemente ofertada para o público lusófono, enalteçemos que a grade semântica buscada por algumas escolhas também prevê um processo de transformação do leitor implícito contemporâneo, tensionando, de forma crítica e militante, a dimensão política abarcada também *a partir e com* a língua(gem). Daí, portanto, cremos haver diferenças

substanciais entre o TTi e o TTp, não somente por serem línguas alvo de raízes linguísticas diferentes, mas, também, pelo considerável lapso de tempo entre eles.

Para concluir, lembramos que Tymoczko (2013) entende que o termo entre-lugar não é adequado para definir a posição do tradutor porque, de acordo com seus estudos, esse remete a um lugar neutro, “ou seja, quando a tradução é conceituada em termos de transferência entre línguas enquanto sistemas . . .” (Tymoczko, 2013, p. 135), concordamos, nesse ponto, com a pesquisadora. No entanto, entendemos que o termo é adequado sim, porém, para determinar outra questão. Um entre-lugar, como proposto por Santiago (2000), é válido na teoria da tradução, não por considerar que o lugar do tradutor se encontra naquele espaço neutro, que “desloca uma pessoa para uma posição fora de sua cultura” (Tymoczko, 2013, p. 135), mas, como proposto por Santiago (2000), que fala do ser latino-americano.

Nesse sentido, o tradutor do entre-lugar, o tradutor latino-americano, não pertence nem à cultura europeia, nem à nativa americana. Ele assume sua posição de mestiço, o entre-lugar, que não é nada neutro, entre duas culturas, um espaço de militância. Esse tradutor assume não ser *puro*, e, logo, resiste e se resiste a traduzir qualquer texto e propõe traduzir uma obra de interesse para nosso contexto. Assim, esse tradutor é leal a esse espaço mestiço, está afiliado e comprometido a sua cultura, portanto, deseja aportar, com seu labor tradutório, para desenvolver ideologias que ajudem aos latino-americanos a ressignificarem a sua própria história literária.

15

Agradecimentos

Agradecimentos ao grupo de Pesquisa Resignificações, pela oportunidade de crescer dentro de um grupo enriquecedor, e à Capes, pela concessão da bolsa de doutorado.

REFERÊNCIAS

- Álvarez, R., & Vidal, M. C. (1996). Translation: a political act. In R. Álvarez & M. C. Vidal (Eds.), *Translation power subversion* (pp. 1–9). Multilingual matters.
- Anónimo. (1964). Xicoténcatl. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. In A. Castro Leal (Org.), *La novela del México colonial* (2a ed., pp. 73-177). Aguilar.
- Anonymous. (1999). *Xicoténcatl: an anonymous historical novel about the events leading up to the conquest of the Aztec Empire* (G. I. Castillo-Feliú, Trad.). University of Texas Press.

-
- Anônimo. (2020). *Xicoténcatl: o primeiro romance histórico latino-americano* (G. F. Fleck, Trad.). CRV.
- Arrojo, R. (2007). *Oficina de tradução: a teoria na prática* (5a ed.). Ática.
- Aulete. (s.d.). Homem. In *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Acesso em 18 de junho de 2021, em <https://aulete.com.br/homem>
- Aulete. (s.d.). Discípulo. In *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Acesso em 18 de junho de 2021, em <https://aulete.com.br/discipulo>
- Aulete. (s.d.). Esplêndido. In *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Acesso em 18 de junho de 2021, em <https://aulete.com.br/esplendido>
- Aulete. (s.d.). Toca. In *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Acesso em 18 de junho de 2021, em <https://aulete.com.br/toca>
- Aulete. (s.d.). Regimento. In *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Acesso em 18 de junho de 2021, em <https://aulete.com.br/regimento>
- Bassnett, S. & Trivedi, H. (1999). Introduction – Of colonies, cannibals and vernaculars. In S. Bassnett & H. Trivedi (Ed.), *Post-colonial translation: theory and practice* (V. C. Figueredo, Trad., pp. 1–18). Routledge.
- Bellei, S. L. P. (2000). *Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural*. Insular.
- Bellini, G. (1997). *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*. Castalia.
- Bourdieu, P. (2002). *Campo de poder, campo intelectual: itinerario de un concepto*. Montessor.
- Castro Leal, A. (Org.). (1964). *La novela del México colonial* (2a ed.). Aguilar.
- Del Pozo González, L. (2020, agosto 18–20). *La importancia de traducir la primera novela latino-americana, El Periquillo Sarniento (1816), de Fernández de Lizardi, para el público brasileño de hoy* [Apresentação na mesa redonda: Literatura Comparada na América Latina: expressões literárias – memória, oralidade e tradução]. XIII Seminário Internacional de Francofonia, XIII Seminário Brasil–Canadá de Estudos Comparados e VI Colóquio Internacional de Estudos Comparados. Feira de Santana, Bahia, Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=Ixbg6bOMF2U>
- DRAE. (s.d.). Hermoso. In *Diccionario de la Real Academia*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://dle.rae.es/hermoso>
- DRAE. (s.d.). Guarida. In *Diccionario de la Real Academia*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://dle.rae.es/guarida>

-
- DRAE. (s.d.). Tercio. In *Diccionario de la Real Academia*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://dle.rae.es/tercio>
- DRAE. (s.d.). Satélites. In *Diccionario de la Real Academia*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://dle.rae.es/satélite>
- Fernández de Lizardi, J. J. (2008). *El Periquillo Sarniento* (2. ed.; C. Ruiz Barrionuevo, Ed.). Cátedra.
- Fernández Prieto, C. (2003). *Historia y novela: poética de la novela histórica* (2a ed.). EUNSA.
- Fleck, G. F. (2017). *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. CRV.
- Fleck, G. F., & Del Pozo González, L. (2020). Introdução: A tradução no contexto latino-americano: vias para a descolonização – diálogos entre culturas e épocas. In Anônimo, *Xicoténcatl: o primeiro romance histórico latino-americano* (G. F. Fleck, Trad.; pp. 15–30). CRV.
- Grillo, R. M. (2004). Tres novelas para la misma historia: el encuentro entre Cortés y Xicoténcatl. *América sin nombre*, 0(5–6), 104–114. <https://doi.org/10.14198/AMESN2004.5-6.13>
- Martins, M. A. P. (2011). O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In M. Weinhardt & M. M. Cardoso (Orgs.), *Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão* (pp. 111–126). UFPR.
- Merriam-Webster. (s.d.). Beautiful. In *Merriam-Webster.com dictionary*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/beautiful>
- Merriam-Webster. (s.d.). Lair. In *Merriam-Webster.com dictionary*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/lair>
- Merriam-Webster. (s.d.). Follower. In *Merriam-Webster.com dictionary*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/follower>
- Merriam-Webster. (s.d.). Regiment. In *Merriam-Webster.com dictionary*. Acesso em 15 de junho de 2021, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/regiment>
- Mignolo, W. (2003). *Historias locales, diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Akal Ediciones.
- Pastor, B. (1983). *Discurso narrativo de la conquista de América*. Casa de las Américas.
- Paz, O. (1981). Alrededores de la literatura hispanoamericana. In O. Paz, *In/Mediaciones* (pp. 25–37). Seix Barral. (Obra originalmente publicada em 1976)

Paz, O. (1994). La búsqueda del presente. In J. Skirius (Org.), *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. (3. ed., pp. 431-442). Fondo de Cultura Económica. (Obra originalmente publicada em 1990)

Santiago, S. (2000). *Uma literatura nos trópicos* (2a ed.). Rocco.

Tymoczko, M. (1999). Post-colonial writing and literary translation. In S. Bassnett & H. Trivedi (Ed.), *Post-colonial translation: theory and practice* (pp. 19–40). Routledge.

Tymoczko, M. (2013). Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre”(lugar)? In R. F. Blume & P. Peterle (Orgs.), *Tradução e relações de poder* (pp. 115–148). PGET/UFSC.

Vigny, A. de. (1826). *Cinq-Mars, ou une conjuration sous Louis XIII*. Urbain Canel.

Wyler, L. (2003). *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rocco.

¹ Tradução nossa de: “. . . [m]uy pronto dejaron de ser meros reflejos transatlánticos; a veces han sido la negación de las literaturas europeas y otras, con más frecuencia, su réplica.”

² “Como no caso da definição de cultura, a definição de ‘fronteira’ a ser aqui utilizada enfatiza sobretudo o contexto de exercício de poder. Assim, contextualizada, a fronteira não é jamais simplesmente uma linha divisória, mas o lugar que marca sempre o desequilíbrio de poder e conhecimento entre o central e o periférico, o superior e o inferior” (Bellei, 2000, p. 150).

³ Tradução nossa de: “. . . nosotros, con nuestras obras, hemos replantado [a língua europeia] en el suelo americano. La lengua nos une a otra literatura y a otra historia; la tierra en que vivimos nos pide que la nombremos y así las palabras desterradas se entierran en este suelo y echan raíces. El destierro se volvió transplante.” (Paz, 1976/1981, p. 28).

⁴ De acordo com Bellini (1997), o Inca Garcilaso de la Vega é o primeiro maior prosista hispano-americano, representante do período nativista da literatura hispano-americana da época colonial. É um mestiço, filho do capitão espanhol Sebastián Garcilaso de la Vega Vargas e da princesa Isabel Chimu Oello, prima de Atahualpa.

⁵ Utilizamos o termo em língua castelhana *criolla* no sentido de filha de espanhóis nascida na América.

⁶ De acordo com Bellini (1997), batizada sob Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana, Sór Juana é a personalidade mais destacada da lírica do período Barroco, junto com Inca Garcilaso, Ercilla, Oña, Balbuena e seu contemporâneo Juan del Valle y Caviedes.

⁷ Nossa tradução: “Tlaxcala desenvolveu um sistema de cidades-estados que conformaram uma República . . . Xicohtécatl Huehuetl enfrentou a chegada dos espanhóis junto com os demais senhores da República de Tlaxcala. [Q]uem opôs-se com mais força foi o senador Xicohtécatl Axayacatzin de Tizatlán . . . , [que] argumentou . . . que os castelos flutuantes eram resultado do trabalho humano, admiráveis, porque nunca se viu algo parecido antes”. <http://www.inafed.gob.mx/work/enciclopedia/EMM29tlaxcala/historia.html>

⁸ Publicado no mesmo ano que Cinq Mars (Vigny, 1826), sem nenhuma relação uma com a outra, os dois romances de 1826 não seguem a receita scottiana e dão início à escrita do romance histórico tradicional (Fleck, 2017).

⁹ Tradução nossa de: “. . . los juicios que contiene sobre España y los conquistadores españoles son denigrantes y francamente hostiles. Por la actitud que el autor asume al juzgar la campaña despiadada y alevosa contra los indios, no cabe duda de que la novela fue escrita por un hispanoamericano.”

¹⁰ Castillo-Feliú é professor de língua castelhana e catedrático no Department of Modern Languages na Winthrop University na Carolina do Sul.

¹¹ Fleck é docente e catedrático na área de Letras Espanhol do Colegiado de Graduação e de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

¹² “In my desire to update the language of this early nineteenth-century work for the modern reader, I have at times taken some linguistic liberties whenever they do not detract from the serious speech of the major characters. At the same time, to retain the flavor of this late neoclassic narrative, I have endeavored to remain faithful to the elevated oratory of the characters.” (Castillo-Feliú, 1999, pp. vii–viii). Nossa tradução: “Com a intenção de atualizar a linguagem do início do século XIX para o leitor de hoje, tomei algumas liberdades linguísticas quando oportuno, evitando não desviar a linguagem usada pelas personagens principais. Ao mesmo tempo, com o intuito

de reter o gosto desta narrativa neoclássica tardia, esforcei-me para manter fielmente o discurso elevado das personagens.”

¹³ “Aside from the difficulties already inherent in the process of translating the Spanish into English, the modern translator faces an insurmountable challenge posed by the chronological gap that renders impossible any collaboration between author and translator.” (Castillo-Feliú, 1999, p. vii). Nossa tradução: “Além das dificuldades já presentes no processo de traduzir do espanhol para o inglês, o tradutor moderno enfrenta um desafio intronspôvel imposto pelo salto cronológico que não dá a possibilidade de contar com o feedback do próprio autor no momento de traduzir.”

¹⁴ A tradução de *Xicoténcatl*, publicada em 2020, porém iniciada em fase experimental já em 2011 no Laboratório de Tradução Tradutorio integrado às ações de extensão e pesquisa do tradutor, conta com um conjunto de textos introdutórios no qual se faz referências, inclusive, à edição de Forero Quintero, publicada em 2012, época em que a tradução experimental já estava adiantada. Essa edição colaborou significativamente para a ampliação de conhecimento de toda a equipe envolvida no projeto à época.

¹⁵ “. . . leituras preliminares das diferentes edições, leitura da tradução ao inglês, pesquisas para Trabalho de Conclusão de Curso, escrita de artigos, pesquisa para Dissertação de Mestrado em Letras e a produção de uma primeira ‘tradução experimental’” (Fleck & Del Pozo González, 2020, p. 15, aspas dos autores).

¹⁶ Solís, don A. de. (1809). *Historia de la conquista de México, población y progresos de la América septentrional conocida por el nombre de Nueva España*. Imprenta de R. Juigné. <https://archive.org/details/historiadelacon00solgoog>

¹⁷ Cronista espanhol que escreveu, entre outras obras, *Historia de la conquista de Méjico*, publicada em 1682. http://www.cervantesvirtual.com/portales/antonio_de_solis/autor_biografia/

¹⁸ Tradução nossa de: “se invierten puntualmente los juicios políticos y morales de Solís así como sus incipientes retratos o deducciones psicológicas, de los que su texto abunda.”

¹⁹ Tradução nossa de: “studies of translation are increasingly alert to the circumstances under which books are chosen for translation and translation are published...”